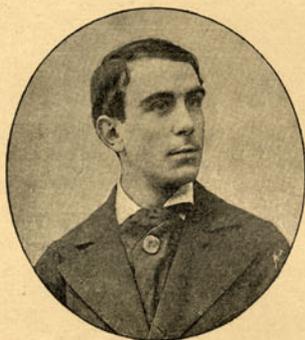
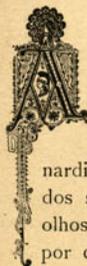
A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

(EDIÇÃO ESPECIAL DA LIVRARIA GOMES)

N.º 47 | Domingo 19 de novembro | 1893

ANTONIO NOBRE

A *Semana de Lisboa* presta hoje a homenagem das suas paginas elegantes a esse extraordinario auctor do *Só*, poeta evocador e cheio de segredo, mistura de Lord Byron e Bernardim Ribeiro, encantador e bruxo pela magia dos seus versos, pela amargura quente dos seus olhos, pela desolação sem risos da sua mocidade, por casos de existencia que, previstos n'outros, á chamma verde do seu temperamento e do seu genio assumem formas de extrahumanos.

Em toda a parte onde viveu teceu a teia da Lenda á sua roda: e até velhinho a irá tecendo e accrescentando. Orgulho feroz e de edade-media, fé absoluta em si como é proprio dos grandes, ainda era uma creança com os mesmos olhos enormes (immensos quando scismavam) que já amas velhas, caseiros da quinta, adivinhos da aldeia e abbades de cinco leguas ao redor lhe previam alto a sua sina: *serás o principe dos poetas do teu tempo!* Cresceu, fez madrigaes, e, lindo moço, de Byron debaixo do braço, ia para o mar alto gritar versos ás ondas. As ondas dobravam-se para a sua lancha passar, os pescadores pasmavam da sua cabelleira em anneis e do seu grande livro, e vinham saber a Leça a lenda ingenua que deixou: já o tratavam por tu os poveiros, e lhe perguntavam, de troça, pelo livro, que nunca sahia, que nunca sahia! Cá ficou, ninguem o esquece: chamam-lhe o *Creatura-Nova*, e um dia, os netos d'estes cantarão decerto, na toada do Bemdito, as suas balladas. Depois ás tardes, poentes prateados e meigos da beira-mar, Antonio Nobre, sobre os rochedos, lindo, com maneiras sacerdotaes e uma voz de outro mundo, pontificava em verso ás raparigas. E foi e é sua fé e seu destino, abrir o appetite no coração das mulheres antes que o d'elle perdesse o fastio profundo, normal, absurdo, que o caracterisa. Do seu contagio sahiam ellas, aos primeiros dias mystificadas, por fim absorvidas e prezas: de tal modo os seus processos de namorar ternos, excessivos, doidos, se tornavam dentro em pouco despoticos, absolutos, dobrando a mulher sob o seu olhar e o seu dominio.

Cresceu ainda, começou a envelhecer ha cinco annos (tinha dezenove) e logo nos primeiros tres de Coimbra se travou lucta da sua capa de seda, dos seus collarinhos voltados, do seu Waldeck encadernado em biblia — com a teima amarella e viscosa de um doutor estupido e mau. Duas vezes foi repprovado no primeiro anno de Direito: já a propria Universidade que o presentiu differente dos outros e o quiz honrar com o seu odio. A desgraça tornou-o sympathico e querido dos estudantes: não se divorcia mais o Penedo da Saudade do seu perfil, e a torre de Sub-Ripas onde morou, lá está baptisada com o seu nome, é a Torre-de-Anto.

Um dia alguem desejou a Antonio Nobre as riquezas de Salomão, para lh'as vêr applicar. O seu ar era realmente, ao partir do Tejo para a França, no anoymato de um transatlantico, com um bota-fora intimo e em lagrimas, o ar de um principe que uma revolta apeiou do throno e embarca para o exilio: tanto as pequenas contrariedades as engrandece a sua intensa e barbara imaginação, a ponto de lhe modificarem a physionomia, de lhe pôrem rugas na testa e lhe

abrirem mais fundo as covas dos olhos, e de não ser novo se, porque não lhe respondam prompto a uma carta ou lhe não entendam rapido um capricho, perder o appetite, perder o somno, e se emaciar até parecer um tisico e segredarem na rua os transeuntes: «Coitadinho do Poeta, que não alcança ao anno novo!»

Principe exilado e nostalgico, sim, de vontades omnipotentes e indomadas susceptibilidades. O fundo da sua tristeza é a decepção que tudo lhe causa: quando chegou a Paris teve um ataque de melancholia quasi tragica por se lembrar que era tão pouco, que a sua alma ficava tão muda, e que no entanto *era aquillo ainda o mais perfeito que tinha produzido a Humanidade!* Dir-se-hia que na sua existencia não fez mais do que repetir outra que já viveu, cuidando que vae por estrada nova: de ahi logico o seu tedio que a nós, de mais baixo nivel, impacienta e irrita. O seu orgulho é tamanho que toca o outro extremo, a timidez selvagem: e deante de um homem de genio talvez ficasse violeta, mas só pela preoccupação de se não dobrar. Ardente e portuguez, é de aventura e romance o sangue que lhe corre nas veias: a vós outros, se tivesseis milhões, appeteceriam os confortos apopleticos e egoistas da civilisação, e serieis (como sois) ponderados e anonymos — ao passo que elle daria brado no Mundo, como Byron. Poderia ser *tudo* em *tudo:* assim será apenas o mais elevado Poeta da sua geração. E sel-o-ha pela simples força do seu talento junta á invulneravel força da sua fé. Quando não publicara ainda livro e era um desconhecido, o desdem com que acolhia a obra dos outros, a certeza de *fazer melhor*, era tão calma, como hoje que é o auctor do *Só*, e que colheu grinaldas de quem tinha prestigio para l'has impôr.

Pois o bizarro principe Anto que, elle-proprio, por uma natural volupia tem bordado de lendas a sua carreira, lá vae fazendo um amavel Direito (como Fradique) pelas cervejarias do Bairro Latino, sem que por isso a fina Faculdade franceza oise manchar de favas pretas quem veste com tanto ar a *robe* negra e o branco escapulario da regra. E o poeta já póde hoje escrever por baixo dos seus bilhetes: *bacharel em Direito pela Universidade de Paris*, o que opulentamente o paga dos seis RR com que Coimbra o despediu do quadro dos seus eleitos.

Dava um nervoso e pictoresco capitulo, que será para algum dia, o estudo da sua vida em Paris, e do grau a que a intensidade do grande meio influiu n'elle. Disse-me certo dia uma senhora, que alguem vira Anto subir o Bois, no fundo de uma carruagem, monoculo sobre a Multidão. Só este engano, e á pressa, aqui desfaço. Certamente era Maurice Barrés, que dá uns ares do poeta, minha senhora. Antonio Nobre vive em Paris como um frade: a sua leitura é o *Ecclesiastes*, Shakspeare e as biographias dos grandes poetas (significativa bibliotheca, esta ultima). As estudantas de Boul'-Mich' chamam-n'o o *petit evêque;* com uma bengala de ermita e um longo habito de burel a que elle poz o baptismo de *monge*, raro passeia a sua tristeza, sob a neve, nos poentes purulentos, esverdeados, criminosos do Sena. O *Só* foi escripto numa sombria casa que já foi convento, ao pé do Pantheon. Tudo ali, de noite, com os sinos de Saint Etienne du Mont a dobrar, evoca o seculo XVII; mas o poeta um dia mudou de casa, queixando-se de que o Voltaire, seu visinho do Pantheon, toda a noite resonava e o não deixava dormir.

Antonio Nobre não ama afogar-se na Multidão, extranha-a; necessita de *vêr-se* constantemente; *só* é o seu estado natural. Uma vez que descia os Campos-Elyseos, trasbordantes de mundo, notou: «Parece incrivel que, com tanto pezo em cima, o Planeta não amolgue d'este lado!» E quem pensou vêl-o no Bois, resignado a entalar-se na engrenagem parisiense, mais facilmente o toparia nos bairros solitarios da margem esquerda, batendo ás portas dos conventos e pedindo para entrar. Curvado, derreado, como tendo ás suas costas o pezo de toda a Dôr humana, assim segue os boulevards; e quando o *Ecclesiastes* lhe mostra, além do pouco que o Mundo vale, o pouco que vale elle-proprio no Infinito immenso, Antonio Nobre toma o omnibus *Batignolles-Clichy-Odéon* e vêl-o ahi vae ao Louvre, colher na contemplação da incomparavel Venus de Milo a serenidade divina, o orgulho divino, o desdem divino que receia se escoem dentro de si.

*
* *

Livros de versos são medicinas da alma, frascos mysteriosos, onde, encontrados em sobrias essencias de sonetos, particulas venenosas de imagens, saes perturbadores de rimas e de rythmos, encontramos respostas á nossa dôr bem mais profundas que nas tagarellas glosas dos prosadores ou nas objectivas paginas dos descriptivos. Poemas liricos devem ler-se como os escrevia João de Deus: ás escuras, e puxando uma fumaça da cigarette para cada verso que nasça. Um verso é um mundo: quatorze linhas rimadas de Anthero podem impor ou poupar um suicidio emquanto mil milhões de folhas de prosa compacta, onde a descripção é colorida, mas o espirito é baixo, correm diante dos olhos soffredores sem provocar um spasmo ou um opposto estado de alma. Versos são como orações: decoram-se, casam-se com melopeias da nossa affeição, e sempre que punhaladas da Vida nos ferirem, o Padre-Nosso encontral-o-eis de mãos dadas, nos vossos labios, a farrapos de versos onde irão farrapos de alma.

Nas horas difficeis das lagrimas é que se apura, se

a dor de um poeta é artificial e soa falso. Quem já disfructou e soffreu essas horas sabe como então, por sua inferioridade fazem dó as mystificações e enredos da arte litteraria. Dia em que algum nobre e alto desgosto vos afogar de soluços, abri a *Imitação de Christo* por qualquer parte, que lá encontrareis sempre — sempre! — a mesma voz resignada, humilde, doce, a ciciar-vos a fé, a vos pôr quasi feliz pela certeza de que é a dor ainda o unico accidente que salva a vida da irremediavel banalidade moral com que foi feita. Foi numa noite de desespero e insomnia que os versos de João de Deus, como chuva do ceu, me encheram a primeira vez de frescura e de paz ireal; na escuridão como os seus conceitos tomavam relevo; e como na agonia de querer alguem a chorar commigo, eu ia até á alma do poeta indagar as raizes de emoção de onde cada verso brotava e via a luz!

Assim tambem, numa hora egual de intensidade, se poderá comprehender e sentir o *Só*. Quem não conseguir integrar-se nelle terá de odial-o e por isso succede que esse discutido volume de versos tem tão firme cotação no espirito dos que o virem juntos, como nenhuma nos que o acolheram boçalmente como o producto de uma arte exotica que só por suas apparencias singulares procurasse fazer-se vista, e cujo miôlo fosse zero.

O *Só* é a autobiographia prodigiosa de um poeta espontaneo e nativo, para quem a Poesia é, na sua propria phrase, *o coração desfeito em tiras*. A emoção que sentimos resulta de vermos passar em frente de nós, febril, desesperada, eloquente, uma tão grande e revoltosa Emoção. A sua forma irregular e macabra é insubstituivel, porque o poeta assim teve de a inventar para nella moldar o seu temperamento.

Como o livro de Anthero é o mar bramindo na dor do pensamento, o *Só* é o coração gemendo na dor do sentimento. A razão de um, a sensibilidade de outro, ambas agudas, gritando e doendo ao choque da Vida, partindo do mesmo ponto e indo por differentes caminhos, no mesmo epilogo de paz vieram de novo reunir-se. Anthero mergulhou na contemplação do Universo e tudo o que vive o desesperou; Antonio Nobre faz da sua imaginação o centro do Mundo, e a Vida é má por que elle a soffre. O pessimismo dos *Sonetos* será universalmente comprehendido; o de *Só* amal-o-hão os que tiverem a sensibilidade irmã, e a paixão d'estes leitores por um tal livro será incondicional como é a minha, desde que numa manhã de Coimbra a primeira vez endoideci ao lel-o é a partir de então o estimei como uma das minhas devoções.

Leiam o que diz Taine de uma das personagens de Shakspeare; é um baixo-relevo que mostra Antonio Nobre em toda a luz: « Jacques est triste, parce qu'il «est terne; il sent trop vivement le contact des choses, «et ce qui laisse indifférents les autres le fait pleurer, «Il ne gronde pas, il s'afflige; il ne raisonne pas, il «s'émeut; il n'a pas l'esprit combatant d'un moraliste «réformateur, c'est une âme malade et fatiguée de «vivre. L'imagination passionée mène vite au dégout. «Pareille à l'opium elle exalte et elle brise. Elle em«mène l'homme dans la plus haute philosophie, puis le «laisse retomber dans des caprices d'enfant. Il aime sa «tristesse, et ne voudrait pas la changer entre la joie. «etc., etc., etc.»

Emquanto a amargura de Anthero é quasi um systema, a de Antonio Nobre é um immenso ataque de hysteria, uma formidavel noite de trovoada em que as faiscas, de segundo a segundo, esclarecem assombrosamente os montes e os valles. Um critico notou que o seu livro não faria nunca escola, ficaria sempre tão só como o seu titulo. Ao contrario, se como neste caso, elle appareceu quando algumas centenas de moços portuguezes justamente esperavam por um Poeta assim, e se é das gerações novas que está partindo mais vehemente a apotheose do *Só*, num confuso rumor de almas agradecidas por se verem lá expressas, e impotentes imitadores que alcançam a forma, sem mergulharem na essencia, de taes versos.

O *Só* é uma autobiographia; feita por si, e só com interjeições de amor me posso referir a elle. Fica aos doutores da critica scientifica o partirem de cada confissão para o diagnostico de uma doença. Essa doença é a de uma geração, é a de uma mocidade; e justo é que todas as crises do pensamento e da imaginação, tão verdadeiras e legitimas, umas como as outras, encontrem a sua eternidade numa voz que os interprete e se faça ouvir. O Poeta todo se confessa, com ingenuidade e permanente candura; a sua maneira de amar e de ser amigo, a sua moral absoluta e sem restricções sociaes, a sua concepção da belleza, da paizagem, da ventura, a ferocidade do seu orgulho, o peninsularismo da sua paixão, o seu delirio de perseguido, o seu tragico *béguin* pela Morte, ahi estão salientes, nos assumptos sombrios que escolheu, nas emoções dolorosas que o obsidiam, nas imagens singulares por que se exprime e na andadura da ladainha que naturalmente ganham os seus versos. E' um livro escripto a 40 grãus de febre, dá tonturas lel-o.

O fremito que já provocou o *Só* em alguns espiritos levará annos a generalisar-se. Por ora é uma juventude que o acclama, as novas camadas coimbrãs que o adoptam e o seguem, o moderno Brazil que se perturba a tomal-o como um veneno, emfim são as mulheres que vão a caminho de namoral-o. De aqui a vinte annos, cada belleza do *Só* estará detalhada e posta em evidencia pelos criticos. A admiravel exquisitice da sua forma fará o assumpto de muitas paginas subtis. A poesia *Antonio* e o poemeto *Males de Anto* serão nesse

tempo vistos sem discordia, como os dois mais notaveis nucleos de poesia autobiographica que honram as lettras lusitanas no seculo XIX.

E não queiramos mal á Gloria por ella se fazer esperar; perdoemos aos escriptores consagrados a sua incomprehensão e ausencia de faro, em face dos genios recemnascidos. Os talentos excessivos são antipathicos: a sua sêde de novo isola-os; hão-de ir compondo devagar a sua athmosphera afim de lograrem uma velhice tranquilla e triumphante. E no meio de uma geração que possue sem duvida escriptores subtis e intelligentes, idealistas doces, psycologos penetrantes, trovadores parnasianos e finos, não me espantarei eu de que veja o poeta do *Sò*, aquelle para quem na poesia portugueza se encontra avós em Bernardim Ribeiro e Soares de Passos, o ultimo a arredar do seu trilho as inintelligencias, os falsos desdens e os verdes rancores.

ALBERTO D'OLIVEIRA.

POLITICA SEM POLITICA

Temos o talento imitativo, e assim tambem já entre nós floresce o *anarchismo* e o *dynamitismo*, como nos mais civilisados centros.

Mas são mansos os nossos anarchistas, e dynamitisam com bombas de pataco, adquiridas na capellista da esquina, e só com o fim de assustar os pacatos burguezes. Fingem propriamente de anarchistas, como os phylarmonicos do Seixal fingem de prussiannos... por brincadeira.

Mas não são inteiramente innocentes estes *anarchistas do Seixal*, porque a sua brincadeira é suggestiva, e, pelos tempos que correm, passa-se facilmente do que é a brincar para o que é a serio, da farça pyrotechnica para o drama nitro-glycerico!

Assim, visto que a Europa se prepara para defender-se *à outrance* contra a invasão da loucura anarchista, não lhe deve passar desapercebida esta especie, menos innocente do que ella propria suppõe, do anarchista carnavalesco, do anarchista para pregar susto ao visinho da escada, ou para fazer partida aos da policia.

A esses cavalheiros seria indispensavel, não só não achar graça nenhuma, mas combinar algum artiguito do codigo criminal ou policial, que os impedisse de se acharem graça a si proprios.

Mas em Portugal, não estamos em maré de carregar a legislação penal, o espirito propende antes a sublimar e amenisar a situação dos Ex.mos Réus, e assim é provavel que ainda se decrete que a esses pandegos de máo gosto seja apenas infligida a ordem do merito industrial, ou agricola, que, pelo visto, recusada para premio, se poderá applicar como castigo ameno, compativel com a brandura dos nossos costumes.

Impoliticus.

CONFIDENCIAS Á GUITARRA

(Continuação)

101

Pôr só n'uma o pensamento,
Tel-a n'alma bem amada,
Não poder chamar-lhe sua...
E vêl-a mal empregada!

FOLHETIM

A ABOBADA

I

O dia 6 de Janeiro do anno da Redempção 1401 tinha amanhecido puro e sem nuvens. Os campos, cobertos aqui de relva, acolá de searas, que cresciam a olhos vistos com o calor benefico do sol, verdejavam ao longe, ricos de futuro para o pegureiro e para o lavrador. Era um d'estes formosissimos dias de inverno mais gratos que os do estio, porque são de esperança, e a esperança vale mais do que a realidade; d'estes dias, que Deus só concedeu aos paizes do accidente, em que os raios do sol, que começa a subir na ecliptica, estirando-se vividos e tremulos por cima da terra ennegrecida pela humidade, e errando por entre os troncos pardos dos arvoredos despidos pelas geadas, se assemelham a um bando de creanças, no primeiro viço da vida, a folgar e a rolar-se por cima da campa, sobre a qual ha muito sussurrou o ultimo ai da saudade, e que invadiram os musgos e abrolhos do esquecimento. Era um d'estes dias antipathicos aos poetas ossianico-regelo-nevoentos, que querem fazer-nos acceitar como cousa mui poetica

Esses gelos do norte, esses brilhantes
Caramelos dos tópes das montanhas;

sem se lembrarem de que

Do sol do meio-dia aos raios vividos,
Parvos! — se lhes derretem: a brancura
Perdem co'a nitidez, e se convertem
De lucidos christaes em agua chilra;

d'estes dias, emfim, em que a natureza sorri como a furto, rasgando o denso véu da estação das tempestades.

No adro do mosteiro de Sancta Maria da Victoria, vulgarmente chamado da Batalha, fervia o povo, entrando para a nova igreja, que de mui pouco tempo servia para as solemnidades religiosas. Os frades dominicanos, a quem el-rei D. João I tinha doado esse magnifico mosteiro, cantavam a missa do dia debaixo d'aquellas altas abobadas, onde repercutiam os sons do orgam e os echos das vozes do celebrante, que entoava os kyries.

Mas não era para ouvir a missa conventual que o povo se escoava pelo profundo portal do templo para dentro do recinto sonoro d'aquella maravilhosa fabrica; era para assistir ao auto da adoração dos reis, que com grande pompa se havia de celebrar n'essa tarde dentro da igreja e diante do rico presepe que os frades tinham alevantado junto do arco da capella do fundador, então apenas começada. A concorrencia era grande, porque os habitantes da Canoeira, d'Aljubarrota, de Porto-de-Mós e dos mais logares vizinhos, desejosos de vêr tão curioso espectaculo, tinham deixado desertas as povoações para vir povoar por algumas horas o ermo do mosteiro. Aprazivel cousa era o vêr, descendo

102

Não ha tristeza tamanha,
Ó formosa entre as formosas!
Como é vêr deitar espinhos
A pés que pediam rosas!

103

Anda Amor pedindo esmola...
É melhor deixal-o andar;
Porque Amor, emquanto pede,
É facil de contentar!

104

Guitarrinha! Amor, amor...
Aprendeu com toda a gente:
Emquanto pobre... importuno,
Depois de rico... insolente.

105

Amor, emquanto deseja,
É dia de sol batido;
Começa logo a vêr nuvens,
Amor, depois de servido.

106

Coitado do pobre Amor,
Que a tanta porta pediu;
Ninguem perguntou quem era,
Ninguem a porta lhe abriu.

107

Continúa Amor pedindo,
No seu cantar lastimado;
Porque nunca perde a esperança
Nem fica desenganado.

108

Pensa Amor não mais pedir;
Mas logo reconsidera;
Porque ás vezes vem a esmola
D'onde elle menos espera.

109

Anda Amor ao seu interesse;
Bem sei, guitarra! é defeito:
Não foge Amor d'onde o escutam,
Nem d'onde espera proveito.

110

Amor tem fama de vario,
E ligeiro como o vento;
Vae seguindo a todas, vae...
Tendo n'uma o pensamento.

111

Ao pé de Amor supplicante
Não cáe migalha no chão;
Porque Amor emquanto é pobre
Não regeita o que lhe dão.

112

Guitarra! minha guitarra!
Verias Amor, tranquillo,
Se no seu peregrinar
Uma só lhe desse asylo.

113

Anda Amor descalço, humilde...
Coitado! que lindo anjinho!
Ha de haver quem diga ao vêl-o:
Como o Amor é quietinho!

---

dos outeiros para o valle por sendas torcidas, aquellas multidões, vestidas de côres alegres e semelhantes, no seu complexo, a serpentes immensas, que, transpondo as assomadas, se rolassem pelas encostas abaixo, refletindo ao longe as côres variegadas da pelle luzidia e lubrica. Atravessando a pequena planicie onde avultava o mosteiro, passava o rio Lena, cuja corrente tinham tornado caudal as chuvas da primeira metade da estação invernosa.

No campo contiguo ao edificio, aqui e acolá, alevantavam-se casarias irregulares, algumas fechadas com suas portas, outras apenas cobertas de madeira e abertas para todos os lados, á maneira de simples telheiros. As casas fechadas e reparadas contra as injurias do tempo eram as moradas dos mestres e artifices que trabalhavam no edificio: debaixo dos telheiros viam-se n'uns pedras só desbastadas, n'outros algumas onde se começavam a divisar lavores, n'outros, emfim, pedaços de cantaria, em que os mais habeis esculptores e entalhadores já tinham estampado os primores dos seus delicados cinzeis. Mas o que punha espanto era a innumeravel porção de pedras, lavradas, pulidas e promptas para serem collocadas em seus logares, que jaziam espalhadas pelo terreiro que, ao redor do edificio, se alargava para todos os lados: maineis rendados, peças dos fustes, capiteis gothicos, laçarias de bandeiras, cordões de arcadas, ahi estavam tombados sobre grossas zorras ou ainda no chão, endurecido pelo continuo perpassar de trabalhadores, officiaes e mais obreiros d'esta maravilhosa fabrica. Quem de longe olhasse para aquelle extenso campo, alastrado de tantos primores de esculptura, julgara vêr o assento de uma cidade antiquissima, arrasada pela mão dos homens ou dos seculos, de que só restava em pé um monumento, o mosteiro. E todavia, esses que pareciam restos de uma antiga Balbek não eram senão algumas pedras que faltavam para o acabamento d'um convento de frades dominicanos, o convento de Sancta Maria da Victoria, vulgarmente chamado a Batalha!

Um quadrante de pedra, assentado em um canto do adro, apontava meio-dia. A igreja tinha sorvido dentro do seu seio desmesurado os habitantes das proximas povoações, e de todo o ruido e algazarra que poucas horas antes soava por aquelles contornos, apenas traspassavam pelas frestas e portas do templo os sons do orgam, soltando a espaços as suas melodias, que sussurravam e morriam ao longe, suaves como pensamentos do céu.

Não estava, porém, inteiramente ermo o terreiro da frontaria do edificio. Assentado sobre um troço de fuste, com os pés ao sol e o resto do corpo resguardado dos seus ardentes raios pela sombra de um telheiro, a qual se começava a prolongar para o lado do oriente, via-se um velho, veneravel de aspecto, que parecia embrenhado em profundas meditações. Pendia-lhe sobre o peito uma comprida barba branca: tinha na cabeça uma touca foteada, um gibão escuro vestido, e sobre elle uma capa curta ao modo antigo. A luz dos olhos tinha-lh'a de todo apagado a velhice; mas as suas feições revelavam que dentro d'aquelles membros tremulos e enrugados morava um animo rico de alto imaginar. As faces do velho eram fundas, as maçans do rosto elevadas, a fronte espaçosa e curva, e o perfil do rosto quasi perpendicular. Tinha a testa enrugada, como quem vivera vida de continuo pensar, e, correndo com a mão os lavores da pedra sobre que estava assentado, ora carregando o sobrolho, ora deslisando as rugas da fronte, reprehendia ou approvava com eloquencsa muda os primores ou as imperfeições do artifice que copiara á ponta de cinzel aquella pagina

114

O mal que de Amor se diz,
Sabem o todos de cór;
Não ha tyranno no mundo,
De quem se diga peior.

115

Canta lá, seja o que fôr;
Ó guitarra! guitarrinha!
O mal, que dizem de Amor,
É maior que a ladainha!

116

O mal que dizem de Amor
Não tem consistencia alguma;
Parece uma torre enorme...
Desfaz-se; é feita de espuma!

117

Que importa a Amor o que digam?
Não pára; segue a direito;
Digam mal ou digam bem...
Tudo é dito em seu proveito.

118

Mãos de mulher, guitarrinha!
Já ella saber não quer,
Se é pastora, se é rainha...
Sabe, apenas, que é mulher!

119

Guitarra cheia de orgulho!
Guitarra cheia de brilho!
Ao mesmo seio apertada
Onde a mãe aperta o filho!

120

Não sei se falas verdade!
Quero o que estás a dizer!
Guitarra! mente á vontade,
Se a verdade faz soffrer!

(Continúa). FERNANDES COSTA.

MODAS

Assim como o prophetisavamos aqui ha umas semanas, pegou deveras a moda do *moiré antique*.

É um furor! Usa-se em preto, uns mais delicados tons peito de rôla, combinado com o azul e verde, mas seja de que côr fôr, é preciso tel-o, para estar á moda.

Temos visto vestidos do anno passado maravilhosamente refrescados com mangas de *moiré antique* preto, ou pondo uma pequena romeira d'essa fazenda sobre um vestido de panno.

Fazem-se lindos vestidos de *moiré antique* preto, com saias lizas, os corpos profusamente guarnecidos de renda grossa amarello pallido, apanhada aqui e alli com *choux* de veludo *miroité*, pois esta especie de veludo apparece tambem mais ou menos em todas as *toilettes* e os costumes de panno de côres sombrias e escuras, são espertados, quer na golla, no cinto ou nos punhos, com esse veludo em tom claro e alegre.

Ha agora uma nova *nuance* de encarnado, chamada betteraba, e fazem-se deliciosas *sorties* de *bal* d'essa côr cortadas em fórma de casaco, com mangas enormes, largas no hombro, franzindo em cima n'umas enormes cavas, e para darem logar ás mangas do vestido que ainda são volumosas, mas que já não espetam.

Tambem se vê muito nos chapeus o dito veludo em tons claros; por exemplo n'um chapeu de feltro pardo muito escuro, uma *torsade* de veludo côr de tomate e uma roseta da mesma côr por baixo; mas o enfeite mais á moda para os chapeus redondos são as caudas de marta: uma ou mais.

Bordam-se os chapeus de veludo, e muitos guarnecem-se com raminhos de violetas espalhados, e na frente apenas um laço alsaciano.

---

do immenso livro de pedra a que os espiritos vulgares chamam simplesmente o mosteiro da Batalha.

Emquanto o velho scismava sósinho e palpava o canto, subtilmente lavrado, sobre que repousava os membros entorpecidos, á portaria do mosteiro, que perto d'alli ficava, outras figuras e outra scena se viam. Dois frade estavam em pé no limiar da porta e altercavam em voz alta: de vez em quando, pondo-se nos bicos dos pés e estendendo os pescoços, parecia quererem descobrir no horisonte, que as cumiadas dos montes fechavam, algum objecto: depois de assim olharem um pedaço, encolhiam os pescoços e, voltando-se um para o outro, travavam de novo renhida disputa, que levava seus visos de não acabar.

«Oh homem! — dizia um dos dois frades, a quem a tez macilenta e as barbas e cabellos grisalhos davam certo ar de auctoridade sobre o outro, que mostrava nas faces córadas e cheias e na côr negra da barba povoada e revolta mais vigor de mocidade. — Já disse a vossa reverencia que el-rei me escreveu de seu proprio punho que viria assistir ao auto da adoração dos reis e, de caminho, veria a casa do capitulo, a que hontem mestre Ouguet mandou tirar os simples que sustentavam a abobada.»

«E nego eu isso? — replicou o outro frade. — O que digo é que me parece impossivel que el-rei venha, de feito, conforme a vossa paternidade prometteu em sua carta. Ha muito que lá vae o meio-dia: d'aqui a pouco tocará a vesperas, e ás duas por tres é noite. Não vêdes, padre mestre, a que horas virá a acabar o auto? E este povo, este devoto povo que ahi está, que ahi vem, ha-de ir com o escuro por esses descampados e serras, com mulheres, com raparigas...»

«Tá, tá — interrompeu o prior. — Temos luar agora, e vão de consum. O caso não é esse, padre procurador, o caso é se está tudo aviado para agasalharmos el-rei e os de sua companha.»

«Oh lá, quanto a isso, nada falta. Desde hontem que tenho tido tanto descanço como hoste ou cavalgada de castelhanos diante das lanças do Condestavel: o peior é que, segundo me parece, e dizei o que quizerdes, *opus et oleum perdidi*.»

«Não falta quem tarda: el-rei não quebrará a palavra ao seu antigo confessor. O que quero é que todos os noviços e coristas que têm de fazer suas representações no auto estejam a ponto e vestidos, para elle começar logo que sua senhoria chegue.»

«Nada receeis; que tudo está preparado: do que duvido é de que comecemos, se por el-rei houvermos de esperar.»

O frade mais velho fez, a estas palavras, um gesto de impaciencia e, sem dar resposta ao seu pyrrhonico interlocutor, estendeu outra vez o gasnate para a banda da estrada, fazendo com a extremidade do habito uma especie de sobrecéu para resguardar os olhos dos raios do sol, que, já muito inclinado para o occidente, batia de chapa no portal onde os dois reverendos estavam altercando.

Porém, meio descoroçoado, o dominicano logo abaixou os olhos: nem o minimo vulto se enxergava no horisonte; e n'este abaixar de olhos viu o cégo, que estava ainda assentado sobre o fuste da columna.

Para escapar, talvez, ás reflexões do seu confrade, o reverendo bradou ao velho:

ALEXANDRE HERCULANO.

(Continúa)

Entre as muitas fazendas novas que nos teem passado pelas mãos, damos a preferencia a uns tecidos que formam como uma renda em relevo de xadrez preto sobre um fundo de côr. Tambem são lindos os veludos *frisés*, mas estes não estão ao alcance de todos, porque são carissimos.

Este inverno usam-se os casacos de lontra apertados e os forros das capas de pelles são mais luxuosas que nunca, o brocado côr de pecegueiro, o azul pallido ou a côr d'hervilha empregam-se indifferente n'estes forros.

GIL-BERTA.

Anniversarios da semana

Domingo 19 — As sr.as: Viscondessa de Villarinho de S. Romão D. Maria José de Mesquita Mello da Costa Macedo (Andaluz), D. Ritta Izabel Roquette d'Oliveira, D. Maria da Luz Moreira Freire Manuel d'Aboim Veiga, D. Maria José Arce Pessanha, D. Maria Egypciaca de Almeida.

E os srs.: Bispo de Coimbra, conde d'Arganil, D. Manuel Corrêa de Bastos Pina, D. João Pereira Coutinho (Soydos), Domingos Joaquim da Silva (Abrigada), Dr. Joaquim Theotonio da Silva, Salvador José de Mello, Francisco d'Albuquerque, Dr. Antonio Eloy da Cunha Rivara.

Segunda-feira 20 — As sr.as: D. Maria Luiza d'Almada e Castro Villas Boas (Azenha), D. Antonia Candida Ferreira, D. Anna Alves Costa, D. Maria Rosa d'Oliveira Gomes.

E os srs.: Conselheiro Antonio de Serpa Pimentel, Manuel de Carvalho (Chancelleiros), José Antonio d'Almeida Portocarrero (Santa Barbara), João Felix Xavier Nobrega Aguiar.

Terça-feira 21 — As sr.as: Condessa do Restello, D. Anna Mafalda José de Mello, D. Thereza Bastos Franco, D. Maria José de Queiroz Luz e Silva, D. Georgina Peters de Carvalho Sepulveda.

E os srs.: Francisco Sieuve de Menezes e Lemos, Columbano Bordallo Pinheiro, Antonio Coelho Villas Boas.

Quarta-feira 22 — As sr.as: Viscondessa de Faria Pinho, D. Alda Ferreira Pinto Basto, D. Adelaide Ribeiro da Silva, D. Candida de Castro e Silva, D. Cecilia Julia d'Andrade Vieira.

E os srs.: D. Caetano de Portugal de Bragança (Lafões), D. José Francisco de Lencastre (Louzã), Pedro Julio Daupiás (Alcochete), João Henrique Ulrich Junior, José Joaquim Moreau.

Quinta-feira 23 — As sr.as: D. Maria de Serpa Freire Pimentel, D. Maria Francisca da Silva Pessanha, D. Anna Osorio de Castro Cabral, D. Christina de Freitas Pereira de Mello.

E os srs.: Conde de Cabral, Adolpho Pinheiro da Fonseca Osorio (Arneiros), Dr. Francisco de Castro Mattoso Pereira Côrte Real, Alvaro do Valle, João Manuel de Barros e Vasconcellos.

Sexta-feira 24 — As sr.as: Viscondessa de Castello Novo, D. Maria Emilia Seromenho, D. Ermelinda da Conceição Almada Portocarrero Santa Barbara, D. Maria Izabel da Gama Lobo Salema Rollin.

E os srs.: Conselheiro Francisco Augusto de Oliveira Feijão, Francisco Van-Zeller, Ramalho Ortigão.

Sabbado 25 — As sr.as: Condessa de Magalhães, D. Izabel Maria de Noronha (Angeja), D. Maria Rita Freire Cabral Metello, D. Izabel de Mello Breyner, D. Maria d'Assumpção Pereira Peixoto, D. Palmira dos Santos Perry Vidal, D. Maria da Piedade Barruncho.

E os srs.: Conde de Fonte Bella, Conselheiro Ayres Baptista Pinto, José Maria Eça de Queiroz, Antonio José d'Oliveira.

EPHEMERIDES SEMANAES

12 — Realisa-se, com grande acompanhamento, o funeral do bandarilheiro José Peixinho.

13 — É assignado, no ministerio dos estrangeiros, o tratado d'extradição entre Portugal e a republica do Transwaal.

14 — Installa-se a nova commissão administrativa da Companhia Real dos Caminhos de Ferro, nomeada pelo governo.

15 — Despede-se do publico de Lisboa, n'um brilhante concerto realisado no salão da Trindade, o insigne pianista Vianna da Motta.

— Começa na Boa Hora o julgamento do assassino Lobo, auctor do crime da Lapa.

16 — É posta á venda a edição definitiva das poesias de João de Deus, prefaciadas pelo sr. Theophilo Braga.

17 — O assassino Lobo é condemnado a 10 annos de prisão maior cellular, com 20 de degredo em possessão de 2.ª classe e 2 annos de prisão no logar do degredo; e na alternativa a 31 annos de degredo em possessão de 2.ª classe, com 10 annos de prisão no logar do degredo.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

D. Maria

Emquanto não sobe á scena a *Kermesse*, comedia original do sr. Moura Cabral, a empreza de D. Maria tem feito *reprises* das peças do sr. D. João da Camara e hontem da *Leonor Telles*, do sr. Marcellino de Mesquita.

Apenas entre em scena a *Kermesse*, principiarão os ensaios da peça em que se ha-de apresentar Lucinda Simões. Que peça dramatica será? Ainda até agora se não sabe, ao certo; e os que privam mais intimamente nos segredos de bastidores, hesitam em affirmar se será a *Marianna*, de Echegaray, se a *Mulher de Claudio*, de A. Dumas, se o *Casamento de Olympia*, de Augier.

Lucinda Simões só fará parte da companhia a começar no dia 1 do proximo mez. Assim o pediu para poder ir antes d'esse praso a Santarem representar n'uma recita d'amadores.

*

Colyseu dos Recreios

A companhia de operetta italiana tem continuado a agradar e a attrahir grande concorrencia de espectadores.

O *Barbeiro de Sevilha* e o *Crispim e a Comadre*, que foram cantados n'esta semana, mereceram os applausos do publico. Claro está que estas duas operas, que teem sido ouvidas muitas vezes no theatro de S. Carlos, não tiveram a interpretação que lhe deram a Patti, o Mazini e o Cotogni, e seria até grave injustiça estabelecer confrontos entre os artistas do Colyseu com estas tres celebridades lyricas; mas, guardadas as respectivas proporções no renome dos artistas e nas condições dos preços d'entrada, o trabalho dos cantores do Colyseu foi muito correcto e muito digno das palmas com que o publico o assignalou.

Nos outros theatros continuam em scena os mesmos espectaculos.

SPECTATOR.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio. A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1